

entrevista da semana

Preto Zezé,
presidente nacional da Cufa

‘O Estado não existe nas favelas’

THAINÁ LANA
thainalana@dgbabc.com.br

Francisco José Pereira de Lima, mais conhecido como Preto Zezé, saiu de lavador de carros nas ruas de Fortaleza (CE), para a presidência nacional da Cufa

(Central Única das Favelas), principal entidade do País que atua em mais de 5.000 comunidades dos 26 Estados brasileiros, mais o Distrito Federal. Além de presidente da organização, é rapper, empresário e produtor cultural. Preto Zezé

acredita no fim das favelas e da necessidade de quebrar o estigma de insegurança desses locais. O ativista trabalha para promover uma agenda positiva desses territórios na sociedade e articula com os setores público e privado em busca de melhorias.



RAIO X

Nome: Francisco José Pereira de Lima (Preto Zezé)
Idade: 46 anos
Local de nascimento: Fortaleza (CE) e mora na Capital
Formação: Superior incompleto
Hobby: Ler
Local predileto: Fortaleza
Livro que recomenda: Cabeça de porco de Luiz Eduardo Soares
Personalidade que marcou sua vida: Cosmo Athayde
Profissão: Presidente nacional da Cufa (Central Única das Favelas)
Onde trabalha: Cufa

Qual o principal eixo da Cufa?

O principal eixo da Cufa é posicionar a favela como ambiente de potência e inovação, formando lideranças nesses territórios para que elas possam produzir soluções e serem protagonistas de mudanças. A instituição também busca construir uma agenda positiva e pública para dialogar com os poderes institucionais, o setor privado e os parceiros de fora das favelas.

Em quantas favelas a Cufa atua?

A organização atua em torno de 5.000 favelas, nos 26 Estados e no Distrito Federal, e em mais em 20 países (como Bolívia, Alemanha, Chile, Hungria, Itália e Estados Unidos, entre outros).

Qual o papel da organização no combate ao preconceito contra as comunidades?

O papel da Cufa é o de formar lideranças e tentar produzir um olhar diferenciado da sociedade para esses territórios. Tirar a favela da visão negativa de que é um ambiente somente de problema, dificuldades e tragédias. Nosso objetivo é levar agenda pública dos interesses das favelas aos representantes dos poderes públicos e privados.

Há presença feminina na liderança da Cufa? Qual a posição da organização em relação à igualdade de gênero?

A Cufa sempre se pautou para corrigir desigualdades, esses debates não pontuais ou de disputa interna dos grupos. Já é definido que a Cufa é uma entidade negra de pessoas de favelas, e que as lideranças são divididas igualmente entre homens e mulheres. Então esse debate de ocupação feminina de espaço não é nem mais um debate entre nós, é uma conduta da instituição.

Uma das suas frases mais marcantes é que ‘a favela é potência’. Quais são essas potências?

Potência em criar soluções a partir de lugares em que o Estado muitas vezes é ausente. Potência é produzir um olhar diferente sobre si e sobre seu território e produzir isso em condi-



“O objetivo da Cufa é o fim das favelas. Enquanto isso não ocorre vamos lutar para que essas pessoas vivam com dignidade”

ções precárias. Potência é capacidade de coletividade de resiliência em ambientes degradados. Potência é poder, mesmo com tudo que o Estado e a sociedade negam à favela, produzir riqueza, novas ações e fazer as cidades andarem.

Como a sociedade brasileira enxerga a favela? Ainda há muito preconceito com esses locais e seus moradores?

Apesar de a sociedade ter avançado muito nos últimos anos, ainda existe preconceito em relação às favelas. São da época em que as pessoas nem utilizavam o termo favela para se referir a esses territórios. Hoje, quase 25 anos depois, estamos vendo diversos sinônimos da palavra favela, como comunidades, por exemplo. Ficamos felizes com isso.

No Grande ABC, 392.124 pessoas, ou 14% da população total da região, moram em favelas. Ao todo, são 125.576 domicílios em 254 comunidades distribuídas por cinco municípios (Santo André, São Bernardo,

Diadema, Mauá e Ribeirão Pires). Como a Cufa atua nesses locais?

Não só nesses locais, mas em todos os lugares em que a Cufa atua, nosso objetivo é o fim das favelas. Enquanto isso não ocorre não iremos lutar para que as pessoas vivam com dignidade, com empregabilidade e segurança. Para isso é preciso o entendimento que os moradores merecem, e têm direito, à cidade e às políticas públicas. O Estado, que recolte tantos impostos, não devolve para esses territórios.

As 254 favelas do Grande ABC possuem anualmente R\$ 4,3 bilhões de potencial de consumo. A população presente nesses territórios podem movimentar por mês, em média, R\$ 359,8 milhões para a economia da região. Esses dados colocam esses moradores em protagonismo econômico?

As favelas de todo País têm R\$ 187 bilhões de poder de consumo. Nesses territórios vivem 118 milhões de pessoas, que consomem de um tudo e possuem grande potencial econômico. A Cufa aposta na viabilização de mudanças, através do desenvolvimento econômico na base da pirâmide.

Durante a pandemia da Covid-19, a Cufa atuou em diversas favelas do País e ajudou a garantir a segurança alimentar para milhões de brasileiros. Como foi essa articulação para ajudar os moradores durante a crise sanitária? No total, quantos quilos de alimentos foram doados e quantas favelas foram beneficiadas?

Foi uma articulação feita entre a Cufa, parceiros com lideranças dos territórios, que se transformou em uma interface de gente que precisava muito de ajuda e grandes empresas que queriam doar. Chegamos ao volume de R\$ 878 milhões arrecadados e tivemos em média 15 milhões de pessoas atendidas pelas nossas ações durante a pandemia no País inteiro. Além da doação de alimentos, também foram distribuídos gás de cozinha, kits de higiene pessoal, materiais de limpeza, entre outros itens necessários.

Neste ano ocorreu a primeira edição nacional da Taça das Favelas. Qual a importância da ampliação deste campeonato? O torneio já revelou jogadores para clubes brasileiros?

Neste ano nacionalizamos a Taça das Favelas e o torneio chegou a 600 mil jovens de todo País. Muitos deles foram contratados por importantes clubes nacionais e internacionais. O principal objetivo da competição é produzir mobilização dos jovens por meio do esporte e ativar uma agenda de interesse para esses territórios. O torneio é uma estratégia de mobilização para mostrar a capacidade de ação, interação e mobilização dessa juventude, mas também é uma oportunidade de ocupar um espaço tão disputado no horário nobre da televisão brasileira com a transmissão dos jogos.

No início do mês passado você se encontrou com a senadora Simone Tebet (MDB), responsável pela área social da equipe de transição do governo eleito de Luiz Inácio Lu-



“O racismo brasileiro é sofisticado porque é um sistema que opera e ninguém pratica”

la da Silva (PT). O que foi discutido? Quais os próximos passos para área social no País?

A senadora Simone Tebet já queria me conhecer em outra ocasião, porém acabou não dando certo. Então no mês passado fui conhecê-la pessoalmente e ouvi-la. Na ocasião, apresentei a Cufa e nossa agenda, assim como já fazemos com outros gestores públicos. O objetivo desses encontros é levar a agenda da favela para pautar os nossos interesses. O foco é fazer com que a gente consiga construir políticas permanentes.

Além de presidente nacional da Cufa, você também é membro da Frente Nacional Antirracista. Qual o papel prioritário da organização?

A Frente Nacional Antirracista nasceu para ser uma rede de organizações, como o Quilombação, o Instituto Equânime - Afro Brasil e outras instituições que discutem o racismo diante do setor econômico, tanto em empresas quanto no governo. Esse é o foco central da nossa atuação.

No dia 20 de novembro é celebrado o Dia da Consciência Negra. O que essa data representa? E quais são os principais desafios enfrentados pela comunidade negra no País?

A data representa um marco histórico em que a agenda negra está em evidência. Entre os principais desafios é possível destacar a ausência de ocupação de espaço em diferentes poderes. Na política, por exemplo, é preciso ganhar mais visibilidade, ocupar mais espaços de decisão. Na diversidade que é a população preta do Brasil, nas suas várias decisões e habilidades para poderem ser presença preta nos espaços de poder para que o País tenha diversidade de fato.

Em entrevista à TV Senado, você disse que o ‘racismo brasileiro é o mais sofisticado do planeta’. O que você quis dizer com essa afirmação?

O Brasil é o único País do mundo em que as pessoas reconhecem que existe racismo, mas mas que ninguém assume que pratica. A pergunta

é: onde nós escondemos o nosso racismo? O racismo brasileiro é sofisticado porque é um sistema que opera e ninguém pratica.

Na sua opinião, como o atual modelo de segurança pública atua nas favelas?

Infelizmente a lógica da nossa segurança pública é reduzida a munição efetiva, Viatura e prisão. Isso só aumenta a violência e a população carcerária, além de sacrificar a população, porque gera uma lógica de segurança de guerra para os setores mais populares. É uma guerra sem vencedores porque se é o País onde a polícia mais mata é também onde a polícia mais morre. Ao final, o que se vê são trabalhadores pretos e pobres morrendo, seja eles fardados ou não.

O Estado democrático de direito existe nas favelas?

Muitas pessoas estão com esse debate sobre o Estado democrático de direito como se fosse apenas o direito ao voto. Qual o direito que a favela tem? A favela paga seus impostos e não tem retorno das políticas públicas, e os serviços que esses territórios têm acesso são extremamente precários e ruins. Assumir que temos um Estado democrático apenas porque votamos é negar que o Estado, na verdade, não existe nas favelas. As políticas que existem nas favelas são as de controle e monitoramento. Essas são eficazes, mas geram uma imagem ruim do Estado, porque as pessoas acham que o governo só vem para punir e regular, e nunca para acolher e apoiar.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Política **Página:** 4